

Agatha Christie Mallowan

NA SÍRIA

CONTA-ME CÁ COMO VIVES



COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMX

© 2010, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Na Síria. Conta-me Cá Como Vives © 1946 John Mallowan,
Peter Mallowan e Dolores Mallowan. Todos os direitos reservados
AGATHA CHRISTIE é uma marca registada de Agatha Christie Limited.
Todos os direitos reservados.

Título original: *Come, Tell Me How You Live. An Archaeological Memoir*
Autora: Agatha Christie
Tradução: Margarida Periquito
Prefácio: Alexandra Lucas Coelho
(texto originalmente publicado no jornal *Público*)
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Capa: Vera Tavares
Composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Julho de 2010
ISBN 978-989-6710-45-3
Depósito Legal n.º 3132814/10

ÍNDICE

7	PREFÁCIO <i>por Alexandra Lucas Coelho</i>
21	PRÓLOGO
23	<i>Partant pour la Syrie</i>
43	Uma Viagem de Pesquisa
75	O Habur e o Jaghjagha
105	Primeira Temporada em Chagar Bazar
135	<i>Fin de Saison</i>
153	Final de Viagem
167	A Vida em Chagar Bazar
193	Chagar e Brak
225	Chegada de Mac
243	O Trilho para Raqqa
255	O Adeus a Brak
271	<i>'Ain el 'Arus</i>
283	EPÍLOGO
285	NOTA BIOGRÁFICA

PREFÁCIO
Mrs Mallowan

por Alexandra Lucas Coelho

AGATHA CHRISTIE ESCREVEU quase cem livros, mas só um assinado Agatha Christie Mallowan: *Come, Tell Me How You Live*, título da edição original deste livro. É «uma memória arqueológica» dos anos 30 nas escavações do marido, Max Mallowan.

Os editores não gostaram. Não havia trama nem crime. Era como mostrar o álbum de férias a estranhos. O que é que os leitores dela tinham a ver com aquilo?

Quase tão lida quanto a Bíblia, Mrs Mallowan não puxou dos galões. Disse que o livro era «uma frivolidade», como se falasse de um par de sapatos.

Foi um sucesso, claro, e mais de sessenta anos depois continua em edição de bolso e politicamente incorrecto — vários turcos e pelo menos um árabe «sub-humano» não saem daqui para a glória. Mas de ninguém a autora ri como de si própria, ansiosa, voluntariosa e volumosa.

Primeiro, tenta vestir-se para o deserto nos armazéns de Londres, e salve-se o que couber. Depois, o marido pede-lhe que se sente em cima das malas dele, porque se não fecharem com o peso dela não fecharão nunca. E arrancam no Expresso do Oriente até Beirute, onde Mrs Mallowan é apresentada

ao colaborador Mac, que passa a vida a escrever num diário. Não percebe quando é que ele vive o que escreve.

— Ele não fala — diz em desespero, ao marido.

— Foi por isso que o contratei — responde Max.

Entretanto, o guia contrata um motorista que nunca conduziu e um cozinheiro que nunca cozinhou. Empilham um totem de bagagem a que chamam Queen Mary e começam a subir a Síria, acampando em busca do melhor *tell*.

Os *tells* são colinas habitadas pelos antigos. O problema é que para chegar aos antigos há que escavar a tralha romana. Mas as colheitas foram boas e os camponeses têm cereal. Trabalharem por dinheiro é extravagante.

— O que faríamos com o dinheiro?

Enfim escolhido o *tell*, os Mallowan alugam uma casa a sete famílias arménias e seus animais. Fica combinado que quando voltarem, meses depois, estará vazia e limpa, mas quando voltam ainda lá estão sete famílias e seus animais. É um êxodo bíblico até duas camas serem postas num quarto para Mr e Mrs Mallowan.

Mal fecham a luz vêm hordas de ratos e baratas. Na manhã seguinte as baratas são atacadas e chega um gato para cuidar dos ratos — mata cinco no tempo de um jantar, e ao quinto dia já não há ratos. «Nunca antes ou depois vi um gato tão profissional», resume Mrs Mallowan.

Mais do que horror a ratos, tem aquele horror inglês às frases maçadoras.

E *tell* acima, *tell* abaixo, escava, apanha, limpa e etiqueta cacos, enfiada nos confins do deserto onde é só Mrs Mallowan.

Conhecera Max em Ur (hoje Iraque). Ele era 14 anos mais novo e casaram logo. Depois a arqueologia da caça ao tesouro mudou, e o mundo também.

Foi no deserto sírio, no intervalo dos cacos — hoje expostos no Museu Britânico, mas também no Museu de Alepo — que Agatha Christie escreveu muitos dos seus crimes. *Na Síria* é a memória de como foi inteiramente feliz ali. Os árabes gostavam quando ela chegava. Tudo a fazia rir.

EPÍLOGO

ESTA CRÓNICA INCONSEQUENTE foi iniciada antes da guerra, e foi suscitada pelas razões que indiquei.

Depois foi posta de lado. Mas agora, após quatro anos de guerra, dei por mim a pensar cada vez mais naqueles dias passados na Síria, e por fim senti-me impelida a tirar os meus apontamentos e os meus toscos diários para fora e a completar aquilo que começara e pusera de lado. Pois parece-me que é bom recordar que esses dias e esses lugares existiram, e que neste preciso instante a minha pequena colina de calêndulas está em flor, e que os velhos de barbas brancas que se arrastam atrás dos burros talvez nem saibam que existe uma guerra. «Aqui não nos atingiu...»

Porque, após quatro anos passados em Londres em tempo de guerra, sei como aquela vida era boa, e foi para mim uma alegria e um refrigério viver esses dias de novo... Escrever este simples registo não foi uma tarefa, mas sim um exercício de amor. Não foi uma fuga a algo que estava presente, foi sim trazer para o âmago deste trabalho árduo e desta mágoa de hoje algo imperecível, que não só se teve como ainda se tem!

Porque eu amo aquela terra fértil e tranquila e as suas gentes simples, que sabem rir e desfrutar a vida; que são ociosas

e alegres, e que têm dignidade, boas maneiras e um grande sentido de humor, e para quem a morte não é terrível.

Inshallah, hei-de lá voltar, e as coisas que eu amo não se terão extinguido da face da Terra...

Primavera de 1944.

FINIS

EL HAMDU LILLAH

NOTA BIOGRÁFICA

AGATHA CHRISTIE nasceu a 15 de Setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra, sendo a mais nova de três irmãos. Aprendeu a ler com apenas cinco anos e somente aos dezasseis começou a frequentar um estabelecimento formal de ensino, em Paris. Em 1914, casou-se com Archie Christie, aviador, com quem teve uma filha, Rosalind. Durante a Primeira Guerra Mundial trabalhou como enfermeira da Cruz Vermelha, experiência que lhe ensinou bastante acerca de doenças, venenos e antídotos. Estas informações viriam a revelar-se muito úteis nos seus romances policiais. Em 1920 escreveu *O Misterioso Caso de Styles*, o seu primeiro romance policial, que rapidamente se transformou num *best-seller*. A partir daqui, tornou-se uma prolífica autora, tendo escrito ao longo de mais de cinquenta anos. Os seus livros seriam traduzidos em dezenas de línguas, venderiam milhões de exemplares em todo o mundo e seriam adaptados para a rádio, para a televisão e para o cinema. Em 1928, divorciou-se de Archie. Foi nesta altura que fez a primeira viagem ao Médio Oriente, embarcando no Expresso do Oriente em Calais e fazendo todo o percurso até Bagdade, e daí até Ur, na Mesopotâmia. Quando aqui se deslocou pela segunda vez, conheceu Sir Max Mallowan, arqueólogo, com quem viria a casar-se em 1930. Agatha Christie acompanhou Max nas suas expedições anuais ao longo de trinta anos, colaborando com a equipa de fotografia e catalogação. *Na Síria* descreve espiritualmente as escavações levadas a cabo neste país, recuperando episódios autobiográficos que revelam facetas desconhecidas da autora. Após uma carreira literária de enorme sucesso, coroada por diversos prémios, e uma vida marcada pelas viagens, Agatha Christie morreu em sua casa, em Oxfordshire, Inglaterra, a 12 de Janeiro de 1976.



Na
Siria

*foi
composto
em caracteres
Hoefler Text
e impresso na
Offsetmais, Artes
Gráficas S.A.,
em papel Coral
Book de 90 grs,
numa tiragem
de 3000 exemplares,
no mês de Junho
de 2010.*

TÍTULOS
ANTERIORES DA COLECCÃO

Morte na Pérsia
Annemarie Schwarzenbach
(trad. Isabel Castro Silva)

Uma Ideia da Índia
Alberto Moravia
(trad. Margarida Periquito)

Paris
Julien Green
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Japão é Um Lugar Estranho
Peter Carey
(trad. Carlos Vaz Marques)

Veneza
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta)

Caderno Afegão
Alexandra Lucas Coelho

Disse-me Um Adivinho
Tiziano Terzani
(trad. Margarida Periquito)

Nova Iorque
Brendan Behan
(trad. Rita Graña)

Histórias Etíopes
Manuel João Ramos